74/05/19
O Estado de São Paulo
Supl. Literário, n. 877

SBH
D4/3 cx 21
(1/2)

JUVENTUDE DE PRUDENTE

nas recordações de Sérgio Buarque de Hollanda

O jovem Prudente

SBH
D4/3 C221
(2/2)

Nenhuma palavra cerimoniosa poderia caber numa entrevista de Sérgio Buarque de Hollanda sobre Prudente de Moraes, neto. São mais de 50 anos de amizade nascida e solidificada num movimento em que a contestação não era apenas permitida — era a sua própria razão de existir. Eles se conheceram em 1922, pouco depois da Semana de Arte Moderna, quando Sérgio veio estudar no Rio, na Faculdade Nacional de Direito. Dois anos depois associaram-se no lançamento da revista "Estética", um dos órgãos mais importantes do modernismo. **Raízes do Brasil**, a obra que revelou o historiador, começou a tomar forma numa das incontáveis noites que ele varou conversando com o amigo numa mesa de bar. Tantas vezes e em tantos lugares foram vistos juntos, que chegaram a ganhar um nome comum: "O Prudente Sérgio".

A MÁQUINA E O TEMPO

"Prudente tem uma lógica perfeita e convincente — o problema é que as coisas nem sempre são lógicas..." Começando a descrever a personalidade do amigo, Sérgio Buarque de Hollanda reabre, imaginariamente, o debate franco que os tornou tão íntimos. Nós nos encontramos todos os dias durante alguns anos. Sua capacidade de alimentar os assuntos mais variados é impressionante, mas nossas conversas acabam sempre em discussão porque ele não deixa nenhuma margem ao irracional".

Outra característica de Prudente de Moraes, neto, observada pelo historiador: uma teimosia inabalável. "Quando ele mete uma coisa na cabeça, não há quem o faça mudar de idéia. Um dia quase nos pegamos num botequim. Pedi um fósforo no balcão. Ele me corrigiu: você deve pedir uma caixa de fósforos. É claro que o português me entendeu e me entregou uma caixa inteira de fósforos — e não, apenas, um palito. Mas ele não deu o braço a torcer; continuou reclamando contra minha falta de exatidão."

Já nessa época, Prudente se interessava por uma grande variedade de assuntos e, falando sobre qualquer um deles, "entrava em minúcias proustianas", diz Sérgio. A literatura e o samba eram temas que interessavam a ambos. A história era outro deles: "Conversamos uma noite inteira sobre um livro que se chamaria "Teoria da América" e que acabou se transformando na base de **Raízes do Brasil**. Mas ele gostava da mesma maneira de assuntos que eu não aguentava: futebol, cavalos e questões jurídicas. Quando alguém puxava essas conversas, eu tratava de calar a boca ou ir saindo de perto, porque sabia que iriam render até a madrugada".

Politicamente, eles até hoje só se entenderam na comum e total repulsa ao integralismo. Sabe-se que Prudente foi anarquista na juventude — embora tenha sido sempre contra o comunismo, por não admitir a ditadura como passo para a supressão do Estado. Encabulado, Sérgio confessa: "Naquela época eu tinha certa inclinação monarquista".

Rodrigo Mello Franco de Andrade costumava dizer que Prudente funciona como uma máquina. "Talvez por isso — observa Sérgio — ele e Mário de Andrade, assim que se conheceram, ficaram particularmente amigos. Durante anos, mantiveram uma discussão epistolar sobre o que é mais importante para quem escreve: a comunicação ou a expressão. Funcionavam duas máquinas: Prudente, no Rio, e Mário, em São Paulo.

Mário de Andrade e Prudente de Moraes, neto, tinham em comum, segundo Sérgio, a rigidez do senso moral e uma absoluta aversão à mentira: "Prudente nunca disse uma mentira em toda a sua vida. Mas esse seu lado austero sempre conviveu com a tendência — igualmente autêntica — para a boemia. Ele também soube ser amigo de Oswald de Andrade e uma das melhores noites que me lembro de termos atravessado juntos, foi num cafèzinho do Catete, cantando e falando de samba, com Donga, Pixinguinha e Patrício Teixeira.

OS MENINOS DO GRAÇA

Sergio Buarque de Hollanda tinha 20 anos e Prudente de Moraes, neto, 18, quando se conheceram, em 1922, na Faculdade Nacional de Direito: "Vim para o Rio representando o "Klaxon", jornal do modernismo. Ele já se interessava pelo movimento e aos poucos se entrosou como pessoal de São Paulo, principalmente Mario de Andrade". Apenas dois anos mais velhos, Sergio e Prudente lançaram a revista "Estética" que, em sua curta vida, foi um dos órgãos mais combativos daquela espécie de revolução cultural.

"Tínhamos certas divergências dentro do movimento: em relação a Graça Aranha, por exemplo. A turma de São Paulo achava que Graça, como Paulo Prado, dava respeitabilidade ao movimento, mas não concordava com a sua ambição de chefia. Ele, por sua vez, tinha algum ciume de Mario e provocou a raiva de Oswald porque não citou Tarsila numa lista que fêz das figuras de primeiro plano do modernismo".

Graça Aranha tomou-se de simpatia por Prudente e Sergio. Tanto os elogiava que eles acabaram chamados "os meninos de Graça". Mas no terceiro número, conta Sergio, quase rompeu com eles:

"Eu ia pela avenida Rio Branco, com as provas da revista na mão. Encontrei Graça Aranha, que era um dos colaboradores, e entrei com ele na livraria Garnier para lhe mostrar os originais. Percebi que ele ficou contrariado quando viu que seu nome aparecia em 5º lugar no índice. Para dar uma explicação, eu disse que tínhamos feito um sorteio. Ele esbravejou: "Em qualquer lugar do mundo, meu nome vem em primeiro lugar. Meu nome não entra em sorteios". Como Prudente estava em Caxambú, precisei tomar sòzinho a decisão de passar Graça para o primeiro lugar".

A livraria Garnier era o ponto onde, todas as manhãs, se encontravam os poetas da escola parnasiana. Foi lá, lembra Sergio, que o jovem Prudente de Moraes, neto, converteu ao modernismo o acadêmico Alberto de Oliveira.

O tempo foi passando, os outros amigos de 22 se esquivando— Rodrigo Mello Franco porque se casou, Afonso Arinos porque viajava mùito, Manuel Bandeira porque morava em Santa Teresa e não podia perder o último bonde, que subia às 11 horas da noite. Prudente e Sergio continuavam fazendo a ronda dos bares e, também, caminhando ao acaso pela cidade: "Andávamos muito. Tanto, que um dia, para variar, resolvemos subir um morro e quando descemos do outro lado quase fomos presos: estávamos dentro do Forte de Copacabana".

Com o correr dos anos, sobretudo depois de 1945 — quando o historiador voltou para São Paulo — os seus encontros também foram escasseando. Mas a velha amizade sobrevive. "Rever Prudente é uma oportunidade que nunca deixo escapar", diz Sergio Buarque de Hollanda. "Acho que mesmo agora, os dois setentões, ainda temos muito assunto e muita madrugada pela frente. O jeito dele não mudou no fundamental — nem menos o seu lado menos prudente". **T.C.A.**